

A relação Igreja-Mundo na obra de D. José Policarpo

Introdução

A relação Igreja-Mundo parece-nos ser o eixo sobre o qual gira e se desenvolve o trabalho teológico-pastoral do Senhor Patriarca D. José da Cruz Policarpo.

Não analisaremos as comunicações orais ou escritas que, ao longo dos anos, têm sido acolhidas pela imprensa, rádio ou televisão, pois serão apresentadas noutro artigo deste volume de homenagem. Deter-nos-emos só nos dois livros que delineiam as duas vertentes da obra do Senhor Patriarca, a teológica e a pastoral, devidamente entrecruzadas: a tese de doutoramento¹ e a obra que reflecte aspectos fundamentais do Sínodo de 1974 sobre a evangelização do mundo moderno². Se o primeiro livro procura fundamentar teologicamente a proposta, feita na *Gaudium et Spes*, de a Igreja ler os sinais dos tempos e os interpretar salvificamente, o segundo analisa a preocupação pastoral de a Igreja evangelizar o mundo como acto de libertação salvífica deste. Atenta ao mundo, a Igreja salva quando, nos valores de cada momento histórico, lê a receptividade ao Evangelho³.

O Concílio Vaticano II que surge porque um Papa (João XXIII), que sabia ler os sinais dos tempos, descobriu nas conjunturas da

¹ J. POLICARPO, *Sinais dos tempos. Génese histórica e interpretação teológica*, Sampedro, Lisboa, 1971.

² IDEM, *Evangelização, anúncio de liberdade*, Multinova, Lisboa, 1975.

³ IDEM, *Sinais dos tempos*, 1.

história que tinha chegado a hora para o grande acontecimento, é a resposta da Igreja aos homens do nosso tempo⁴. É resposta que aceita o questionamento do mundo e que gera uma nova relação com este, relação na qual o cristianismo mais do que facto é acontecimento que investiga e ilumina as grandes interrogações da vida⁵.

1. Um método programático

Na análise das relações Igreja-Mundo impõe-se, antes de mais, um método programático. O método indutivo, que constitui novidade na Constituição pastoral *Gaudium et Spes* (apesar de já ter aparecido na Encíclica *Pacem in terris*, de João XXIII), marcou profundamente não só a metodologia da tese de doutoramento de D. José Policarpo mas também a do seu trabalho teológico e pastoral. Não esqueçamos — dizia muitas vezes o aqui homenageado, nos seus primeiros anos de ensino — que uma tese de doutoramento há-de marcar-nos para o futuro. Passados quase trinta anos, podemos dizer que nos parece verificar-se aquela observação, e que a metodologia indutiva tem norteado a sua missão na Igreja.

O método indutivo não parte dos princípios gerais da teologia. Parte, antes, dos factos sociológicos observados, «consciente de que a voz do tempo pode encerrar a voz de Deus e de que, nos acontecimentos e nos fenómenos humanos, se podem esconder os desígnios com que Deus conduz o curso da história»⁶.

A Igreja vai, então, esforçar-se por observar, nesses acontecimentos e fenómenos, as aspirações profundas, as ânsias e as necessidades dos homens, para melhor apresentar ao mundo a resposta da sua doutrina. Observando o homem como ser no mundo em evolução, pode indicar-lhe, à luz de Cristo, qual a sua doutrina sobre o homem, o mundo e a Igreja no mundo. Para evangelizar, a Igreja deve conhecer o mundo em que vive⁷.

⁴ *Ibidem*, 3.

⁵ IDEM, *Evangelização*, 24.

⁶ IDEM, *Sinais dos tempos*, 89.

⁷ IDEM *Evangelização*, 17.

2. O mundo questiona a Igreja

No mundo secularizado dos anos 70, o homem está consciente de que as realidades criadas evoluem por leis próprias e de que os problemas da vida se resolvem sem milagres⁸.

Esta consciência não deixa de ser, porém, uma interpelação positiva que abre a Igreja para novas exigências e novos caminhos de evangelização⁹, porque, de facto, escreve o Senhor Patriarca:

«O progresso só é verdadeiramente humano quando contribui totalmente, em todas as suas dimensões, para o integral desenvolvimento do homem [...]. Ora, os mais belos valores humanos têm sempre o seu reverso de medalha. Com o entusiasmante progresso técnico-científico, que tanto contribui para o bem estar do homem, coexiste o uso desse mesmo progresso para oprimir e destruir o homem. Com um elevado grau de bem estar de uma parte da humanidade, coexiste a miséria e a fome da outra parte. Paralelamente ao grande sentido de unidade de todo o Género humano, coexistem as divisões, por um lado, e a ameaça de solidão interior do homem, por outro»¹⁰.

Os motivos de esperança e de angústia misturam-se, e novos problemas surgem com o progresso do domínio cada vez mais completo da natureza. No mundo, há sinais de pecado e de negação de Deus, e, no entanto, o Espírito Santo age na história. Há uma ambiguidade onde o bem e o mal se misturam. Então, como vai a Igreja olhar o mundo? Vai amá-lo ou vai odiá-lo?

Este mundo, que parece dispensar Deus e substituí-Lo pelo progresso e o bem estar, é também aquele que interpela a Igreja: implicitamente, quando a convida a reflectir sobre si própria, a conhecer-se e a viver melhor, para oferecer ao mundo a sua mensagem salvífica¹¹; explicitamente, quando nela se erguem vozes, como as da juventude ou as do mundo operário. Os primeiros procuram Jesus Cristo, mas rejeitam a estrutura eclesial, onde não encontram facilmente lugar, que não reconhecem como sacramento da presença do Senhor e Sua esposa¹². Os segundos sentem-se longe

⁸ Neste final de milénio parece-nos que se exige já uma leitura mais complexa.

⁹ *Ibidem*, 18.

¹⁰ *Idem*, *Sinais dos tempos*, 219.

¹¹ *Ibidem*, 138.

¹² *Idem*, *Evangelização*, 30 ss.

da Igreja que não soube assumir os seus problemas e necessidades, porque não captou bem as aspirações e valores culturais dos operários conscientes das suas condições de dependência, mas também dos seus recursos de solidariedade, que lhes permite participar no progresso do género humano ¹³.

Também os povos onde o cristianismo é anunciado questionam a Igreja sobre o modo de o implantar nas diferentes culturas ¹⁴. Estas querem receber, na sua linguagem e de forma compreensível, a mensagem do Evangelho, e não como uma ideologia de importação. O Evangelho anuncia Alguém que está vivo: Jesus Cristo. As culturas não pretendem uma teologia cristã própria (africana, asiática, ou outras), mas serem cristianizadas, isto é, que o cristianismo nelas se implante ¹⁵.

Por outro lado, o mundo reconhece o Evangelho nos sinais de comunhão do homem com Deus. Ora, não há comunhão sem justiça, sem libertação do homem e sem uma real promoção que, em última análise, é libertação para a semelhança com Deus ¹⁶.

O mundo é exigente para com a Igreja, e, se é verdade que Evangelho e promoção humana não se confundem, também não são indiferentes ou separados, porque a real promoção do homem não consiste em ter mais, mas em ser mais, e ser mais eleva-o à máxima perfeição: ser regenerado para o amor, dar glória a Deus, ao conjugar hominização e divinização ¹⁷.

3. A Igreja lê os *sinais dos tempos*

A Igreja só pode responder ao mundo se tiver objectividade histórica. Esta, a primeira condição para ler os *sinais dos tempos*. Escreve D. José Policarpo:

«Todo o discernimento deve necessariamente começar por uma observação paciente e uma análise rigorosa dos acontecimentos e fenómenos humanos, que é preciso captar na sua objectividade de realidades terrestres. É preciso inventariar o mais exaustivamente possível os fenómenos observáveis sociologicamente,

¹³ *Ibidem*, 37.

¹⁴ *Ibidem*, 40ss.

¹⁵ *Ibidem*, 47.

¹⁶ *Ibidem*, 116.

¹⁷ *Ibidem*, 62.

fenómenos que, sem serem necessariamente universais, sejam suficientemente generalizados para poderem ser característicos de uma época. Este sentido de objectividade histórica é absolutamente necessário para uma verdadeira interpretação dos sinais dos tempos»¹⁸.

É a história que é valorizada como matéria de reflexão, quando é iluminada pela fé em Jesus Cristo. Ao ler a história, alimenta-se a fé que a ilumina. Mas pergunta o Senhor Patriarca, na sua tese doutoral:

«Porque é que é possível identificar nos fenómenos históricos sinais salvíficos[...]?»¹⁹.

E responde:

«A possibilidade de a história se transformar em sinal radica na dimensão salvífica de toda a história. Os acontecimentos históricos e os fenómenos humanos são objectivações categoriais históricas da transcendentalidade livre do homem, onde incidem a salvação e a graça de Deus. [...] A historicidade da salvação realiza-se no seio da historicidade humana. Há uma profunda dimensão salvífica oculta na profanidade de uma parte da história dos homens»²⁰.

Ora, nem sempre essa dimensão salvífica, que se oculta na história, é significativa para o homem. Só se torna significativa quando se dá o impacto da objectividade histórica do acontecimento com a Palavra revelada, quando as situações reais da vida chocam com o Evangelho.

A *dimensão* salvífica está presente na história qualquer que seja a interpretação do homem, mas a *significação* salvífica só aparece no encontro da objectividade das situações históricas com a fé na Palavra revelada: «Só então os fenómenos históricos se transformam em *sinais*»²¹.

Sem o encontro com a Palavra, a história é salvificamente muda. Os *sinais dos tempos* são salvíficos enquanto são *significa-*

¹⁸ IDEM, *Sinais dos tempos*, 227.

¹⁹ *Ibidem*, 228.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*, 229.

tivos, porque lidos à luz da fé no mistério de Cristo e à luz da Palavra que revela o sentido profundo da história. E, ao revelar esse sentido profundo da história, a Palavra não é mensagem teórica, é mensagem carregada de todo o peso e significado do acontecimento: «O acontecimento tornou-se Palavra, e a Palavra tornou-se acontecimento»²².

Discernir os sinais dos tempos supõe, então, o conhecimento profundo de Deus e dos Seus desígnios salvíficos, o que é próprio dos profetas, porque o profeta é aquele que, em confronto com os acontecimentos, descobre a transcendência divina encarnada na história, uma vez que ele próprio é alguém dominado interiormente por essa transcendência: «A interpretação profética é o encontro de duas dimensões da transcendência: a vivida interiormente pelo profeta e a encarnada nos acontecimentos e na história»²³.

A Igreja é povo profético²⁴, povo marcado pela unção do Espírito para o conhecimento íntimo e profundo de Deus, quer ele venha pela inteligência dos sábios quer pela intuição espiritual dos santos, «mas eu creio que será especificamente profética aquela maneira de falar de Deus, não abstractamente como de um objecto acerca do qual se diz aquilo que se sabe, mas falar de Deus como de uma realidade viva, de que se tem uma experiência pessoal interna»²⁵.

É assim que a missão profética do povo de Deus permite que este compreenda o sentido do tempo e dos movimentos da história, do ponto de vista de Deus e dos Seus planos.

Profeta não é, pois, antes de mais, aquele que prediz o futuro. É aquele que é «porta voz de Deus para anunciar a Sua vontade»²⁶. E o seu principal interesse recai sobre o presente onde procura o Absoluto, sem ficar agarrado ao passado e sem medo do futuro.

O seu interesse pelo presente é concreto e empenhado: «É em contacto com os sofrimentos, desejos e esperanças dos homens, que o profeta capta na Palavra de Deus o sentido profundo dessas realidades existenciais. E, em contacto com essas realidades, ele atinge as exigências do Evangelho [...]»²⁷.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*, 232.

²⁴ Cf. *Lumen Gentium*, 9, in: *Conc. Vaticanus II* = SOC, Romae 1966.

²⁵ J. POLICARPO, *Sinais dos tempos*, 234.

²⁶ *Ibidem*, 237.

²⁷ *Ibidem*, 241s.

Todo o discernimento profético dos sinais dos tempos é feito à luz da fé, da fé em Cristo Ressuscitado a Quem tudo foi sujeito e em Quem a história se encaminha para a consumação de todas as coisas. Ele é Senhor²⁸. Por essa razão, toda a história tem sentido e uma orientação salvífica, apesar das suas ambiguidades²⁹. À luz de Cristo lê-se a dimensão escatológica dos sinais dos tempos.

É na comunidade que se interpretam os sinais dos tempos, no laço de intercomunhão, que é essencial para a interpretação sobrenatural da história. E o aspecto comunitário tem o seu fundamento teológico na participação na missão profética de Cristo — Palavra interpretadora que dá testemunho de si própria. Ele é acontecimento central e definitivo da história da salvação e interpretação definitiva dessa mesma história³⁰.

Ora, Cristo Ressuscitado continua na Igreja como acontecimento de salvação; e o fim dos tempos, o definitivo da salvação, concretiza-se pela acção do Espírito na Igreja e no mundo.

Acontecimento e Palavra de salvação, a Igreja mantém com os acontecimentos da história uma conexão querida por Deus. Por essa razão, ela interpreta os sinais dos tempos, situando os acontecimentos históricos nos desígnios salvíficos de Deus.

4. Uma nova consciência da relação Igreja—mundo

Escreve o Senhor D. José Policarpo:

«A problemática da interpretação dos sinais dos tempos põe em realce um novo género de relações entre a Igreja e o mundo. Trata-se de um verdadeiro diálogo em que cada um dos interlocutores tem coisas a dizer e coisas a escutar, em que cada um dá e recebe»³¹.

A atitude profética da Igreja objectiva-se na concretização das exigências do Evangelho. Indica à Igreja por onde passa, hoje, a lei da caridade e do amor. É um contínuo estar alerta para encontrar respostas cristãs e concretizações do amor na renovação pastoral.

²⁸ *Ibidem*, 247.

²⁹ *Ibidem*, 249.

³⁰ *Ibidem*, 251. Nós diríamos: Cristo é acontecimento e Palavra escatológicas (definitivas). Ele é o *eschaton* divino presente e actuante na história.

³¹ J. POLICARPO, *Sinais dos tempos*, 310.

A Igreja, que escuta o mundo, descobre sempre novas tarefas, e a sua missão alarga-se, adaptando-se e encarnando em todos os tempos e lugares. E, ao fazê-lo, vai concretizando a sua catolicidade e universalidade³².

A força do testemunho deve acompanhar a palavra evangelizadora e a palavra orante. Sem a força do testemunho, a Igreja deixaria de ser luz do mundo e sal da terra³³.

E esse testemunho deve ser visível por todos e não só por um grupo de iniciados, porque o testemunho pertence à natureza profunda da evangelização, e a sua dinâmica pertence à natureza constitutiva da Revelação³⁴.

A Revelação é testemunho, porque é diálogo, porque é auto-comunicação das Pessoas divinas e porque é envio do Filho para comunicar aos homens a Sua filiação divina e a nova vida na graça do Espírito Santo.

A fé da Igreja está impregnada do dinamismo do testemunho: do testemunho de Deus no coração do homem e do testemunho do homem que, iluminado por Deus, vive em coerência com o Evangelho, e transmite historicamente Cristo e o Seu testemunho revelador³⁵.

A missão do povo de Deus, como sacramentalização do testemunho de Cristo, é, então, a de estar presente à sociedade humana, solidária com ela, a viver em cada dia, e de forma palpável, a vida nova do Evangelho.

A estrutura sacramental da Igreja, que realiza a união dos homens com Deus, concretiza-se no testemunho de amor que sempre tem o expoente máximo do seu sentido no mistério pascal. Só a Igreja que vive em morte e ressurreição em Cristo está apta para a evangelização e salvação do mundo³⁶.

Conclusão

Estamos, nestes escritos programáticos do Senhor Patriarca D. José da Cruz Policarpo, perante um apelo permanente à conversão. Só a atitude de conversão permite a relação dialógica

³² IDEM, *Evangelização*, 43.

³³ *Ibidem*, 213.

³⁴ *Ibidem*, 211-215.

³⁵ *Ibidem*, 219.

³⁶ *Ibidem*, 229.

Igreja-Mundo, e um caminho a percorrer penetrado de fé, de esperança e de amor.

A leitura dos sinais dos tempos fomenta uma dinâmica evangelizadora exigente de diálogo, onde a beleza do amor divino será sempre atraente quando testemunhada na vida dos crentes, onde a bondade da salvação será uma acção atenta às esperanças e às necessidades dos homens dos diversos tempos e lugares, e onde a verdade do cristianismo será resposta de amor que poderá ser entendida e assumida por todo o homem de boa vontade.

A atitude permanente de conversão é a que impulsiona para o futuro de glória, futuro que a Páscoa de Jesus Cristo já tornou presente e actuante na Igreja e no mundo. Na Páscoa, Cristo torna-se acontecimento central da história da humanidade, pois o Vivo garante à história a plenitude da qual Ele já é realidade definitiva e que, na acção do Espírito Santo, germina no mundo até à Parusia.

É a presença da vida em plenitude que permite que todo o criado entoe a Deus hinos de louvor, e que a fé consiga descobrir no mundo sinais salvíficos, tantas vezes encobertos pelas ambiguidades que só o olhar purificado em Deus consegue ultrapassar. E purificar em Deus o olhar é converter permanentemente o coração, sabendo que não é a finitude e a fraqueza humana que impede a acção divina num coração humilde, num coração que conhece os seus limites, mas que conhece também o Senhor da vida e que se Lhe entrega confiadamente.

MARIA MANUELA DIAS DE CARVALHO